SUBJETIVIDADE E PODER EM FOUCAULT: DISPOSITIVOS DISCIPLINARES

Flávia Neves Ferreira (PIBIC/UEPG), Daniel de Oliveira Gomes (Orientador), e-mail: setepratas@hotmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem

Área de Letras e subárea do conhecimento Teoria Literária

Palavras-chave: Michel Foucault, Subjetividade, Relações de poder na escola.

Resumo

Pretende-se analisar a multiplicidade de aspectos que atravessa o sujeito no âmbito escolar, tendo a seguinte questão norteadora: como as relações de poder se formam e se organizam nos dispositivos disciplinares na escola e como tais dispositivos se articulam com o processo de subjetividade? Trata-se, portanto, de uma reflexão teórica- descritiva que busca discutir como se configura a instituição escolar na atualidade e sua articulação com a produção de subjetividade. Para tanto, os procedimentos metodológicos desta pesquisa estão respaldados pela análise teórica de autores como Foucault (1995, 1997, 2003, 2010, 2015), Deleuze (1992,1988), Veiga- Neto (2007), entre outros. O que se pode constatar é que para Foucault, a escola – assim como os hospitais e as prisões – tem um papel de regulação social. Pode-se encontrar em Foucault, uma genealogia crítica de nossas heranças históricas que constituem e caracterizam como chegamos a ser o que somos hoje. Faz-se necessário questionar este sistema e esta ordem pré-estabelecida, pois isso nos direciona de alguma forma a buscar mudanças que possam incitar em novos processos de subjetivação.

Introdução

Michel Foucault é considerado um dos maiores filósofos do pós-estruturalismo, cujo trabalho se inscreve em diversos campos: Filosofia, História, Sociologia, Psicologia, Literatura, entre outros. Dentre as diversas temáticas abarcadas por este autor, destacamos a ligação entre saber e poder que é determinante em suas obras. Cabe ressaltar que segundo Foucault (2015), para se falar de poder faz-se necessário explicar os discursos que o legitimam, o que diretamente implica explicar as relações de poder que são movidas nestes discursos. Nesse sentido, a categoria de sujeito faz parte dessa análise, visto que o sujeito de linguagem é constituído por discursos e relações de poder.

Em seu ensaio *Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império*, o professor Alfredo Veiga- Neto lembra o dizer foucaultiano de que assim como não “há como se estar fora de toda e qualquer relação, não há um fora do poder” (VEIGA-NETO, 2006, p.22). Assim, denotando a impossibilidade de se estar fora do poder ou de relações de poder, tentaremos analisar nesta pesquisa a multiplicidade de aspectos que atravessa o sujeito no âmbito escolar. A questão norteadora girou em torno de revelar: como as relações de poder se formam e se organizam nos dispositivos disciplinares na escola e como tais dispositivos se articulam com o processo de subjetividade?

Pretende-se, deste modo, pensar a noção de poder associada à formação da subjetividade na escola e dos dispositivos disciplinares, de modo teórico, sem especificar, precisamente, uma escola física em questão, mas no sentido filosófico da investigação, percebendo como se aplica ou como se tem tentado aplicar determinados conceitos de Foucault nos dias de hoje e nas questões do presente.
Trata-se, portanto, de uma reflexão teórica- descritiva que busca discutir como se configura a instituição escolar na atualidade e sua articulação com a produção de subjetividade. Falar em produção da subjetividade, pelo viés foucaultiano, significa entendê-la como um processo que se movimenta conforme as configurações sociais e históricas em que se situa.

Materiais e Métodos

Esta pesquisa está embasada na abordagem de pesquisa qualitativa, cuja preocupação está voltada na compreensão dos fenômenos que não podem ser quantificados ou reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001).
No que concerne aos objetivos, se caracteriza como uma pesquisa de exploração bibliográfica para uma análise comparativa entre leituras de Michel Foucault.
Os procedimentos metodológicos desta pesquisa estão respaldados pela análise teórica de autores como Foucault (1995, 1997, 2003, 2010, 2015), Deleuze (1992,1988), Veiga- Neto (2007), entre outros.

Resultados e Discussão

Como proposto preliminarmente, esta pesquisa trata de uma discussão teórica com vistas a compreender como se operaciona os dispositivos disciplinares na escola em articulação com a produção de subjetividade. A noção de subjetividade tem uma dimensão polissêmica vinculada às dimensões sociais, históricas e culturais. Em Foucault, a subjetividade ou subjetivação perpassa toda a sua obra e refere-se às formas de constituição do sujeito, nas palavras do autor "a subjetivação é o processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, mais exatamente de uma subjetividade" (FOUCAULT, 2003, p.706). Para o autor, a constituição da subjetividade moderna é um produto das relações de poder e saber.
A problemática do sujeito tecida por Foucault se desloca desde a constituição histórica das diferentes ciências humanas, na temática de saber-poder e de uma verdade que toma lugar na subjetividade. Em suma, a história da subjetividade foi empreendida ao estudar as classificações operadas na sociedade em nome da loucura, da doença, da delinquência e seus efeitos sobre a constituição de um sujeito racional e normal.
Segundo Deleuze (1992), a subjetividade foi uma invenção grega. Ambos os autores explicam que para se governar a *polis*, o homem grego precisava estabelecer uma relação de força, somente um cidadão poderia governar, pois nem todos eram considerados cidadãos, isto refletiria uma nova prática subjetiva, tendo em vista que para governar seria necessário um modo singular de construir a existência na sociedade grega. A subjetividade, portanto, está entrelaçada com a própria existência, com o modo do homem se relacionar com si mesmo, mas também nas suas relações com os outros.
É justamente nessa relação do homem com os demais que Guattari (1992) propõe que a subjetividade se produz por instâncias individuais, coletivas e institucionais. À

medida que a subjetividade ocorre em diversas instâncias, tanto individual quanto coletiva, passa-se a entendê-la em uma perspectiva plural. Desse modo, Guattari e Rolnik (2000, p.16) afirmam "o que existe é uma produção de subjetividade, mas não somente uma produção de subjetividade individuada – subjetividade dos indivíduos – mas uma produção da subjetividade social".

Assim, pode-se dizer que a subjetividade é a produção de modos da existência. Há para Guattari e Rolnik (2000) algumas possibilidades de se apropriar da subjetividade, de um lado os sujeitos podem se submeter a ela na forma como a recebem numa relação de alienação – para que sejam produzidos indivíduos serializados e modelados –, ou então podem estabelecer com os sistemas uma relação de expressão e criação – como processos de singularização.

Aí podemos pensar a subjetividade na escola. Se há uma impossibilidade de eximir as relações de poder que constituem nossa sociedade, ou ainda, que atravessam os sujeitos na instituição, existem as possibilidades: de ficar alienado se sujeitando ao sistema, permanecendo na dependência de um poder exterior ou construir seus próprios tipos de referências e práticas. Esta última possibilidade, é denominada por Guattari e Rolnik (2000) de processo automodelador. Tal processo pode servir tanto para o aluno como o professor, de modo que eles estejam engrenados num constante processo de criação e (re) criação.

Certamente que a instituição escolar perpassa os muros, onde os estudantes estão em relação com inúmeras dimensões que reproduzem relações dominantes. Tendo em vista que a escola é um equipamento de produção de subjetividade, respalda-se nas palavras de Foucault (2010, p.232) que aponta para a necessidade de uma "tomada de consciência de que é preciso promover novas formas de subjetividade, recusando o tipo de individualidade que nos foi imposta durante séculos". Isso significa que é urgente refletir em diferentes processos educativos que proporcionem a automodelação, ou ainda, a singularização.

> A educação bem que pode assumir um caráter criativo, dinâmico e de abertura das fronteiras dominantes por levar em conta a predominância das relações – multiplicidade de sujeitos aí envolvidos – e não o determinismo de quem pode mais agir sore o outro, ou seja, de quem tem o mérito reconhecido sob o acordo de um manto institucional (CARVALHO, 2010, p.58).

Por fim, faz-se necessário pensar em uma escola que não seja apenas uma instituição dos saberes, mas que todos os agentes envolvidos – escola, professores, alunos – como sujeitos de criação, os quais podem articular uma saída dos posicionamentos de assujeitamento e desenvolver sua autonomia.

Conclusões

O que se pode constatar com a presente pesquisa é que para Foucault, a escola – assim como os hospitais e as prisões – tem um papel de regulação social. Além disso, tem a função de produtividade, do sujeito como mero objeto que precisa ser moldado para produzir e propiciar algum tipo de lucro. Assim como afirma Veiga-Neto (2007), a escola conseguiu conectar em seus espaços a relação entre poder e saber, constituindo os seus sujeitos como objetos.

Desse modo, Foucault nos mostra que o poder ao longo da história se exerceu na forma de micropoderes ou de uma micropolítica. Sendo assim, o controle e os

dispositivos disciplinares, como vimos, tem a finalidade de adestramento e docilização dos corpos.
Afastando-se de um ideal utópico de uma educação promovedora de singularidade, o que na verdade, podemos encontrar em Foucault é uma genealogia crítica de nossas heranças históricas que constituem e caracterizam como chegamos a ser o que somos hoje. A partir desse breve estudo em que nos dedicamos a realizar, as ideias centrais do autor, nos remetem a refletir no jogo de forças – dos dispositivos disciplinares – que ainda permanecem na trama de relações que configuram a escola, assim como as relações entre professores e alunos, professores e sociedade, alunos e sociedade. Faz-se necessário questionar este sistema e esta ordem pré-estabelecida, pois tal questionamento nos direciona a buscar mudanças que possam incitar novas possibilidades, novos processos de subjetivação, novas formas de ser e estar no mundo.

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Daniel de Oliveira Gomes, pela sua disponibilidade, orientação, dedicação e pelo entusiasmo em guiar-me pelos caminhos do pensamento foucaultiano. Á UEPG por oportunizar esta pesquisa e pela bolsa concedida. Ás colegas de pesquisa, Bruna e Marília, pela amizade e pelas discussões produtivas.

Referências

CARVALHO, A. F. de. **Foucault e a função-educador:** Sujeição e Experiências de subjetividades Ativas na Formação Humana. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.
DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
FOUCAULT, M. Sujeito e Poder. In: Dreyfus e Rabinow. **Michel Foucault:** Uma Trajetória Filosófica. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 1995.
FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
FOUCAULT, M. **História de Sexualidade I:** a vontade de saber**.** Rio de Janeiro: Graal, 2003.
FOUCAULT, M.; **Vigiar e Punir**: nascimento das prisões. Petrópolis: Vozes, 2010.
FOUCAULT, M.; **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
GOMES, D. de O. **Dissonâncias de Foucault**. São Paulo: Lumme Editor, 2012.
GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo.** Petrópolis: Vozes, 2000.
GUATTARI, F. **Caosmose:** um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34, 1992.
MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
MOURA, T. M. de. **Foucault e a escola**: disciplinar, examinar, fabricar. 95f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação, 2010.
VEIGA-NETO, Alfredo. Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo. (Org.). **Figuras de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 13-38.
VEIGA-NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.